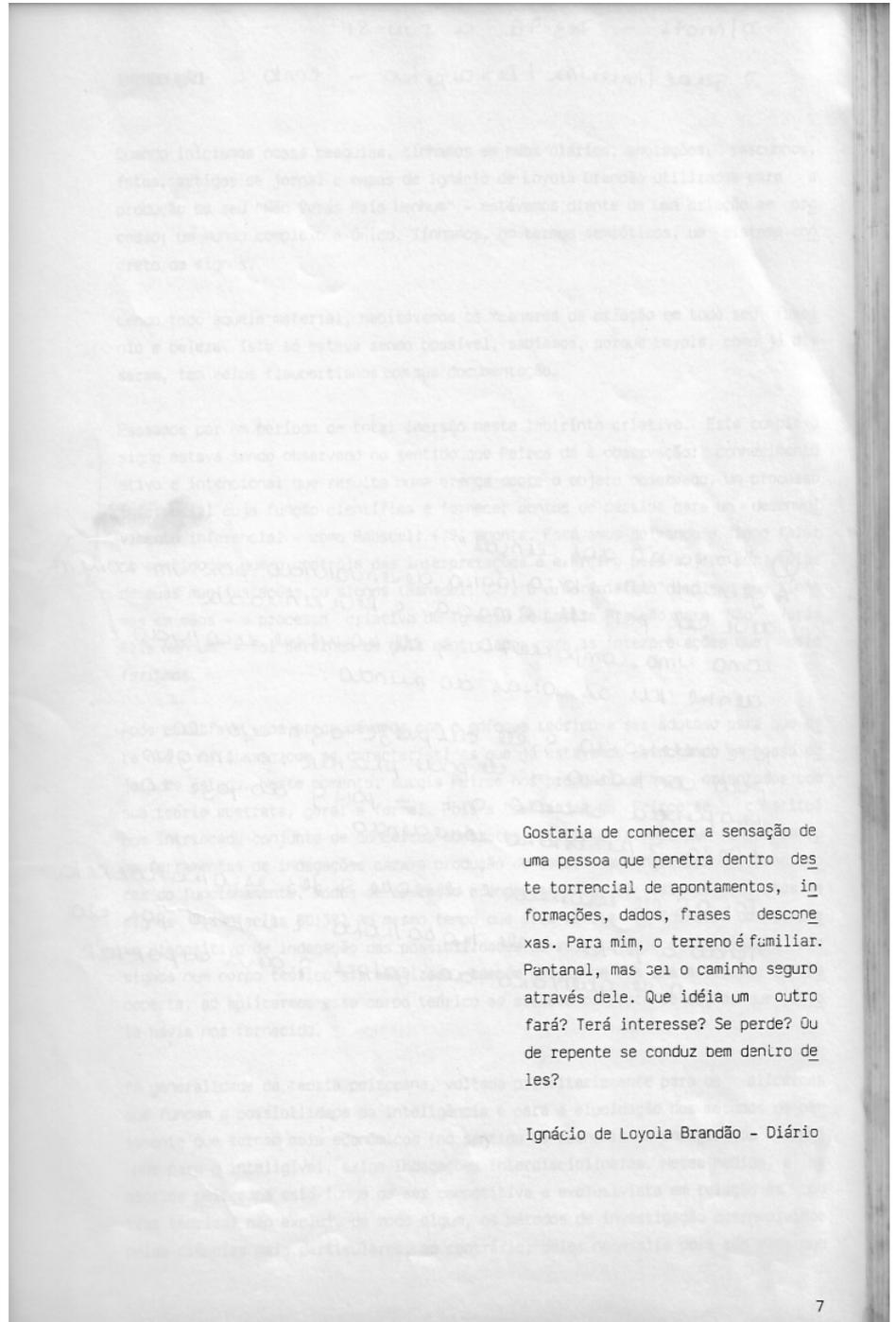


# “A contemporaneidade não me assusta”

Paula Martinelli<sup>1</sup>



**Fig. 1.** Epígrafe da tese de doutoramento de Cecilia Almeida Salles (1990), que traz nota do diário de Ignácio de Loyola Brandão e sugere uma reflexão sobre o aspecto comunicativo da autoria. Fonte: reprodução digital de arquivo de Salles.

<sup>1</sup> Psicanalista, doutora em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Convidada do Mestrado em Processos de Criação, Universidade do Algarve. E-mail: paulamartinellia@gmail.com

Em 1986, no dia em que boa parte dos brasileiros aguardava com comoção a passagem do cometa Halley<sup>2</sup>, Cecília Salles foi à casa do escritor e hoje membro da Academia Brasileira de Letras Ignácio de Loyola Brandão; de lá, a então doutoranda saiu com caixas repletas de cadernos e manuscritos em folhas sulfite datilografadas, desenhadas, rasuradas, escritas à mão, todas elas produzidas pelo autor em torno da elaboração do romance *Não verás país nenhum*<sup>3</sup>. Assim teve início um percurso acadêmico que, ao longo das quatro décadas seguintes, se tornaria aquilo que hoje chamamos de Teoria Crítica dos Processos de Criação.

Se em nós persiste a curiosidade por flagrar a gênese, embora o trabalho de Salles tenha-nos posto com a devida clareza e amparo teórico que a origem não é senão um grande momento mítico inatingível, compartilhamos com os leitores de *Manuscrita* registros de inestimável valor genético: a correspondência que Loyola Brandão enviou a Salles em 1988, após ler o primeiro rascunho de sua tese, defendida em 1990, na PUC-SP, e intitulada *Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e 'Não verás país nenhum'*<sup>4</sup>.

Nesse documento de processo, ou arquivo de criação<sup>5</sup>, como são denominados os manuscritos e demais registros produzidos ao longo das práticas, temos uma metaimagem que traz em si alguns dos pontos centrais para a abordagem teórica que surgia: a carta é, ela mesma, índice do pensamento criativo e em rede que deu origem à Teoria Crítica dos Processos de Criação.

Vemos já ali a postura epistemológica que aposta na soberania do objeto; é a partir dele que a teoria se constrói. “Mandeí rascunho da tese ao Loyola porque era uma questão ética. Ele tinha de ler antes que todo o mundo” – esse tipo de deferência por objetos que vivem e pulsam na cultura contemporânea é bússola do trabalho de um crítico de processos. Eles não determinam a análise, mas são determinantes para que ela exista.

Na carta em que Loyola reage ao trabalho inaugural de Salles, já percebemos a existência dessa baliza ética: o pesquisador de processos preza por abordar seu foco de estudo para dele extrair possíveis caminhos investigativos – sem mutilá-lo em um esforço vão para enquadrá-lo a premissas e pressupostos teóricos. Nesse caso, o objeto é presente, comunicante, um interlocutor que já revelara a Salles seu incômodo diante de análises demasiadamente taxativas, com interpretações que dissecavam em detalhes algo que ele simplesmente não reconhecia ali, em si e em sua obra.

---

2 A informação sobre a passagem do cometa e as citações de Salles não referenciadas neste texto, incluindo seu título, foram obtidas em conversa com a teórica, por ocasião do compartilhamento dos arquivos aqui expostos (figuras 1, 2 e 3).

3 BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. Título do romance é abreviado como ‘NVPN’ na correspondência da Figura 3.

4 SALLES, Cecília de Almeida. **Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e 'Não verás país nenhum'**. 1990. 253. Tese em 'Ciências: Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas'. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

5 SALLES, Cecília de Almeida. **Arquivos de criação: arte e curadoria**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010.

Nós, que formamos nossos percursos de pesquisa junto a Salles, inferimos que teoria e objeto compartilham da condição de rede em expansão permanente<sup>6</sup>, afeita à horizontalidade; que os arquivos são dinâmicos, imbuídos de potencial gerador que se manifesta a cada visita a eles dedicada; que a complexidade inerente à criação inviabiliza leituras que sugiram o fechamento das certezas.

A partir da tese de Salles, entendemos que pesquisar processos de criação tem a condição de suportar algo de um não-saber que insiste; é refutar a totalidade e assumir ser impossível tudo conhecer de um determinado processo, mesmo que seja vasta a documentação a ele relacionada. Assim, enquanto pesquisadores, agimos nas brechas que a materialidade de obras e arquivos nos oferecem para produzir, ou criar, um saber não-totalizante que se dê na alternância entre aspectos gerais e específicos – gerais à criação e singulares em consideração ao objeto estudado.

Sobre as generalidades da criação, Salles diz-nos de suas faces sensível e intelectual, da continuidade da busca – nem sempre consciente – por procedimentos para a expressão, da tensão que se estabelece entre o sujeito, o agente comunicativo constituído nas interações, e a linguagem, o meio cultural e os materiais; bem como a pesquisa e a experimentação como vias de alívio que atravessam a relação entre o autor e a própria produção. Esses aspectos gerais ganham materialidade nos documentos da criação<sup>7</sup> - nesse sentido, a análise de um crítico de processos configura um trabalho investigativo que se assemelha ao que podemos chamar de arqueologia da imagem<sup>8</sup>.<sup>9</sup>

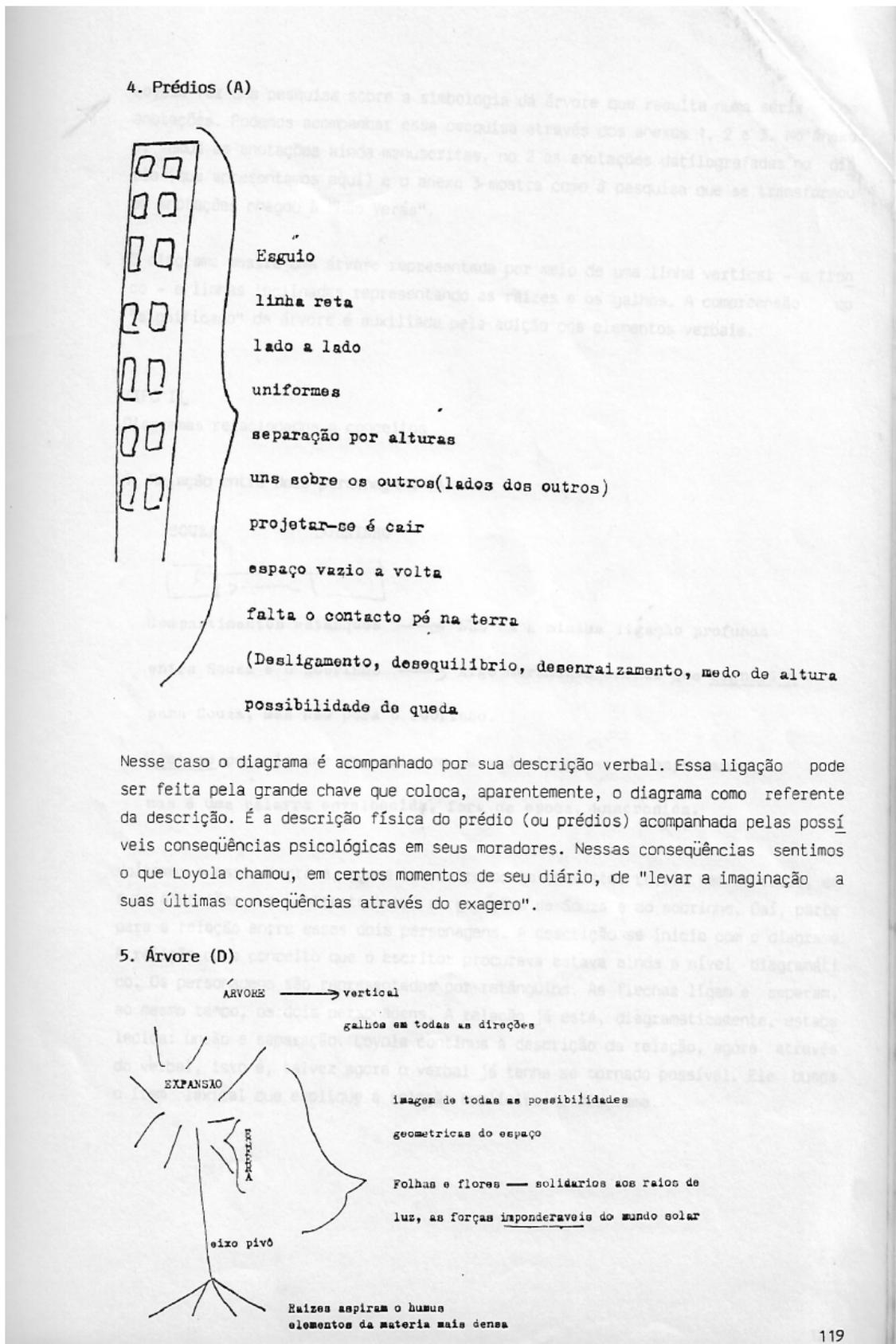
---

6 SALLEs, Cecília de Almeida. **Redes de criação**: construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

7 “A pesquisa genética incrusta esses fragmentos nessa história amplamente invisível, fazendo desses textos ou artefatos algo menos fragmentário e estático do que eles, tão frequentemente, nos parecem ser”. COLAPIETRO, Vincent. Os locais da criatividade: sujeitos fissurados, práticas entrelaçadas. In: **Jornalismo expandido**. Org. PINHEIRO, Amálio; SALLEs, Cecília. Trad. Cecília Salles. São Paulo: Intermeios, 2016, p. 49.

8 “O trabalho da arqueologia, de acordo com o artista plástico e arqueólogo João Carlos Goldberg (1994), é resgatar fragmentos do raciocínio do homem, no acompanhamento da sequência de gestos ou procedimentos. Fazendo uma analogia com o crítico de processos criativos, o estudo do encadeamento de gestos artísticos para se obter uma determinada forma nos aproxima de uma série de operações lógicas, recuperando assim fragmentos de seu raciocínio”. SALLEs, Cecília de Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística (1998). 5ª edição. São Paulo: Intermeios, 2011, p. 67.

9 MARTINELLI, Paula. **Imagem**: do não-saber a uma epistemologia crítica. 2022. 127. Tese em ‘Comunicação e Semiótica’. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.



**Fig. 2.** Página da versão original da tese de doutoramento de Cecilia Almeida Salles (1990), contendo imagens retiradas dos arquivos de Ignácio de Loyola Brandão.

Fonte: reprodução digital de arquivo cedido por Salles.

Então, com acesso à carta de Loyola, tomando-a como imagem emblemática, documento de processo da própria teoria, e com a pergunta inicial que Salles faz a si própria durante o momento inicial de suas formulações – “como as pessoas escrevem?” –, conseguimos confirmar alguns dos eixos dessa generalidade: o objeto servindo de esteio para o desenvolvimento epistemológico, a interlocução entre agentes criativos como índice de uma ampla rede de contágios mútuos, o fazer acadêmico enquanto um processo de criação, e o inacabamento ao qual convergem as práticas.<sup>10</sup>

Nos aspectos específicos, encontramos a importância que Salles dedica a uma escrita acessível, que aproxime o fazer artístico a leitores de diversas proveniências e interesses; a atenção dedicada aos cadernos e notas que, mesmo quando não sejam diretamente relacionados à produção de alguma obra, mostram-se arquivos igualmente relevantes ao colocarem em evidência o sujeito da autoria, esse agente criativo – ou um grupo deles – que também trafega por sua rede de referências, definindo suas prioridades e as transpondo para o manejo da matéria.

Com isso, surge uma concepção de autoria que é tão presente quanto encarnada (afinal, o gesto se faz no corpo), mortal e imperfeita. Um sujeito também inacabado que se atualiza em suas produções, as quais passam a fazer parte de incontáveis redes, que fomentam tantas criações e que constituem a natureza comunicativa das redes. É curioso que, décadas após a leitura da tese de Salles, Loyola Brandão passaria a fazer parte dos chamados ‘imortais’ da Academia Brasileira de Letras, levando consigo algo do processo acadêmico de Salles, aquele que versa justamente sobre essa presença encarnada – mortal, portanto – do autor.

Ao reconhecer o sujeito que cria e contemplar o não-saber, ao acatar erro e acaso em formulações teóricas que estendem o rigor acadêmico para a relação com o objeto de estudo, Salles fez surgir uma abordagem que não vilipendia a autoria, atribuindo a ela sentidos que são criações descoladas do foco da análise enquanto aderem a confirmações alheias ao processo para extrair dele vieses epistêmicos. Assim, a teórica segue aquele que talvez seja um de seus grandes princípios direcionadores: “A contemporaneidade não me assusta”, disse-nos, resumindo a potência de um trabalho que há mais três décadas logra captar o processo de criação em movimento, “(...) livrando-o da mística difusa em que costuma ser envolvido”<sup>11</sup>, tornando-se, por isso, ponto nodal em incontáveis redes de artistas, autores, criadores.

---

10 SALLEs, 1998.

11 SALLEs, 1990, p. 5.

*Cecilia*

SE  
ASSUNTOS  
MIA?

Que bela merda!

Cheguei e tenho que ir embora. Vim de Santos, vou para Curitiba. Quem mandou você deixar a tese na portaria? Ágora, o que faço? Comecei a ler e não consigo parar, nem quero. Não posso levar, porque estou levando tanta coisa ( livros, pastas, cadernos, xerox, etc). Esta é a merda: vontade de ficar, mas tende que ir embora. Ficarei até segunda-feira antegozando o momento de mergulhar na primeira tese legível que encontrei pela frente. Opa! Tese legível? Iste não será um preblema diante da banca? Acho melhor apanhar uns capitulos e torna-les herméticas, enigmáticas, incompreensíveis, para melhorar a nota.

Uma pentelhação: na página 4 do resumo, último paragrafo: A esta altura não pedia mais... e etc. Logo na página seguinte, você inicia outra vez o paragrafo com a esta altura...

Me deu um complexo de culpa. Você queria mais material? Outras coisas Jura per deus que eu disse: "Vou te dar só o material do NVPN? Estranho. E por que não pediu, não reclamou? A caixa do Beije está aqui em casa, encostada.

Na página 14 da parte II, você colocou reticencias ~~juxta~~ no lugar do nome da Clair? Não quis citar a Clair? Acho que se trata dela, pois foi quem datilografou o romance. Merreu há dois anos, com um tumor na cabeça. Era loira, alta, linda, inteligente, uma secretaria incrível, falava inglês e alemão, tinha 30 e poucos anos.

Bem, te escrevo - ou ligo, ou nos encontramos, semana que vem, depois de quinta-feira. Obrigade, trabalho lindo, um beijo

*Coqola*

Fig. 3. Correspondência enviada por Ignácio de Loyola Brandão a Cecilia Almeida Salles, 1988. Fonte: reprodução digital de arquivo cedido por Salles.

## Referências

- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
- COLAPIETRO, Vincent. Os locais da criatividade: sujeitos fissurados, práticas entrelaçadas. In: **Jornalismo expandido**. Org. PINHEIRO, Amálio; SALLES, Cecília. Trad. Cecília Salles. São Paulo: Intermeios, 2016.
- MARTINELLI, Paula. **Imagem**: do não-saber a uma epistemologia crítica. 2022. 127. Tese em 'Comunicação e Semiótica'. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- SALLES, Cecília de Almeida. **Uma criação em processo**: Ignácio de Loyola Brandão e 'Não verás país nenhum'. 1990. 253. Tese em 'Ciências: Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas'. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.
- SALLES, Cecília de Almeida. A planta da cidade: uma leitura genética de Não verás país nenhum. **Cadernos de literatura brasileira**, São Paulo, n.11 (Ignácio de Loyola Brandão), p. 136-142, 2001.
- SALLES, Cecília de Almeida. **Processos de criação em grupo**: diálogos. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- SALLES, Cecília de Almeida. **Arquivos de criação**: arte e curadoria. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010.
- SALLES, Cecília de Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística (1998). 5ª edição. São Paulo: Intermeios, 2011.
- SALLES, Cecília de Almeida. **Redes de criação**: construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.